



O inconsciente e suas tensões atuais

José Carlos Calich, Porto Alegre*

À guisa de introdução a este número temático da Revista de Psicanálise da SPPA, o autor examina brevemente algumas das “tensões atuais” a respeito do conceito de inconsciente, principalmente aquelas relacionadas aos temas desenvolvidos pelos demais autores. São abordados os problemas com a linguagem e a comunicação na psicanálise, suas tensões escolásticas, os problemas com a delimitação do campo da psicanálise e da natureza do inconsciente. Ao final, é apontada uma possível “onda evolutiva” da teoria do inconsciente, através da busca, por autores de diferentes orientações teóricas, de modelos que integrem os variados níveis de mentalização em distintas zonas de funcionamento psíquico, consideradas co-existent e em relacionamento dinâmico.

• Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Revista de Psicanálise, Vol. X, Nº 3, p.391-402, dezembro 2003 □ 391





José Carlos Calich

“O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e fica apresentado de modo tão incompleto pelos dados da consciência quanto o mundo externo fica incompletamente apresentado pela comunicação de nossos órgãos sensoriais”.

Freud, 1900, p.613 (grifos de Freud)

A intenção deste artigo é servir como introdução ao presente número da *Revista de Psicanálise da SPPA*, procurando situar algumas das tensões atuais sobre o conceito de inconsciente.

A meta não é uma revisão abrangente, porque de certa forma abarcaria grande parte da teoria psicanalítica, nem procurar ou propor respostas, o que será objeto dos artigos que seguem. A tentativa é de localizar, contextualizando-os, alguns dentre os diversos emaranhados teóricos e clínicos sobre o inconsciente com que convivemos em nossa disciplina, enfatizando os abordados neste número.

Babelização e crise de comunicação da psicanálise

“Uma ciência, em última instância, permanece ou sucumbe enquanto é uma técnica válida para a descoberta, e não em virtude do “conhecimento” ganho. O conhecimento sempre está sujeito a ser substituído; de fato, o critério pelo qual se julga a vitalidade de um assunto é a substituição de descobertas, por novas descobertas”.

Bion, W.R. (1992), p.199

Todo corpo teórico necessita de uma ou algumas hipóteses que constituam seu núcleo firme, irredutível. Essas seriam as hipóteses definitórias da teoria, sem as quais ela não sobreviveria como tal (Lakatos, 1970). É possível considerar que o núcleo irredutível de hipóteses da psicanálise seja constituído pela noção básica desenvolvida por Freud sobre o papel central da atividade inconsciente no funcionamento mental humano (Guimarães Filho, 1999).

Ainda que a formulação seja de fácil aceitação e, provavelmente, tenha unanimidade entre os psicanalistas, não conduz ao mesmo consenso a pergunta: qual é a “atividade inconsciente no funcionamento mental humano”?





A apreciação da questão, como, na atualidade, qualquer questão conceitual em psicanálise, passa por suas escolas com suas diferentes coerências internas, seus diferentes modos de olhar o psiquismo humano, bem como a diferente linguagem que utilizam para referirem-se a ele.

Cada escola tem seu próprio princípio organizador, sua própria episteme. São oriundas de saltos teóricos, rupturas maiores ou menores em relação às escolas de onde se originaram. Utilizam-se, de modo velado ou explícito, de pensamentos não psicanalíticos que influenciaram a cultura na qual seus fundadores estão imersos (*zeitgeist*). São, em geral, fruto de necessidades geradas na própria clínica, decorrentes da insuficiência dos modelos anteriores em dar conta de determinados fenômenos psíquicos, patológicos ou não, com conseqüências na técnica psicanalítica.

Em geral, também, depois de lançado um novo elemento organizador, sua confrontação inevitável e discussão com as outras escolas de pensamento psicanalítico fazem com que as duas teorias, antiga e nova, se desenvolvam e se aprimorem. Encontram seguidores, comunicadores proselitistas e detratores, contribuindo para o crescimento do pensamento psicanalítico em geral. Trazem, contudo, fragmentação teórica e institucional (esta última não somente por esses motivos).

Agrega-se a constatação de que os conceitos psicanalíticos, ao serem transportados e lidos por outra cultura (e.g., outra região ou país), assumem novas conotações regionalizadas (Mezan, 1988). Supõe-se que sobrevivam os conceitos e as escolas que tenham maior valor heurístico (Lakatos, 1970) ainda que parcial. Acredito, contudo, que persistam por longo tempo aqueles que têm a capacidade de exercer um valor mítico, servindo como fonte de manutenção da identidade, de poder ou de aparente integração do pensamento.

A convivência destes diferentes conceitos, de origens, linguagens, significados e razoamentos diversos, passou a ser referida na literatura de modo muito apropriado como a 'Babel Psicanalítica' (Amati-Mehler et al., 1990; Steiner, 1994) na qual, ao tentarmos construir os alicerces de nossa torre, encontramos dificuldade em estabelecer uma linguagem minimamente comum. Ao pensar que a estamos alcançando, percebemos que aquilo que chamamos, por exemplo, de transferência, desejo, identificação projetiva, falso-*self*, campo ou qualquer outro conceito tem tantas 'traduções' que dificilmente será compreendido como quem o diz pretende, a menos que muito trabalho 'tradutivo' já tenha ocorrido ou venha a ocorrer. Isto faz com que a torre tenha sempre dificuldades de se estabelecer de forma definitiva.

Evidentemente, o conceito de inconsciente, por mais fundamental que seja à própria essência e definição da psicanálise, é submetido à mesma babelização. Falamos por exemplo de inconsciente-lugar, inconsciente-reservatório-energético, inconsciente instância, inconsciente qualidade, inconsciente sistema, inconsciente dinâmi-





José Carlos Calich

co, inconsciente reprimido, inconsciente forcluído, inconsciente tradutor, inconsciente codificador, inconsciente alienado, inconsciente cindido, inconsciente passado, inconsciente presente.

Eventualmente, “inconsciente” expressa apenas um ‘sentido oculto’, implícito, da ordem do narrativo ou do coletivo, como em textos, nas estruturas da comunicação social ou mesmo nas estruturas narrativas do paciente em análise (ver Laplanche neste número). O termo é amplamente utilizado fora da psicanálise com outros significados e que retornam à psicanálise confundindo-se com suas origens metapsicológicas.

Ainda que, com todos os adjetivos que eventualmente o especificam, muitas vezes (talvez a maioria) é chamado apenas de ‘inconsciente’, opacificando ainda mais o conceito e fazendo com que a pergunta de Imbasciati (2001) se destaque: “qual inconsciente?”

A impossibilidade de comprovação empírica da teoria psicanalítica (e talvez com maior peso, a dificuldade de transmissão da vivência emocional que ‘valida’ o encontro experiência-conceito, porque ocorreria fundamentalmente na análise pessoal de cada psicanalista, portanto sem uniformidade ou universalidade) faz com que muitos de seus argumentos sejam ‘legitimados’ com base na autoridade de quem o diz (Khun, 1962). Todos convivemos com discussões que foram fundamentadas e muitas vezes encerradas por argumentos do tipo ‘isso foi Bion quem disse’ ou ‘então, estás contrariando a Freud’, mesmo que a citação descontextualizada do autor possa apenas estar sendo adaptada para referendar, ‘validar’ o que o locutor quer dizer.

Nos tempos atuais, como parte de nosso momento cultural e integrante da chamada ‘crise da representação’ (Jameson, 1983, 1984), uma reação contrária a ‘argumentos de autoridade’ se amalgama às outras dificuldades de conceitualização do inconsciente, com um novo tipo de linguagem. A ‘politicamente correta’ e por vezes apenas sedutora ‘tolerância à diversidade’ dentro do regime de pensamento em que as interpretações criam a realidade¹, associada às más compreensões de ‘destruição’ e ‘complexidade’, confundidas com ‘simplificação’ e ‘reducionismo’, têm diluído muitos debates significativos. Mesmo dentre os psicanalistas ganham igual aceitação e peso argumentos de natureza e consistência muito diferentes. Surge uma tendência de favorecimento à permissividade confundindo-a com continência; ‘melhor, mais rápido e mais barato’ é confundido com eficiência e ‘desempenho de papéis sociais’ é confundido com crescimento.

Essa nova linguagem começa a aparecer e ter espaço na psicanálise com argu-

1. Passos da crise de representação, segundo Hermann (1977): Se os fatos são incognoscíveis, sua interpretação é mais relevante do que eles. E se não há critérios para validar as interpretações, todas podem ser verdadeiras. Portanto, vale mais aquela que convencer o interlocutor.





mentos do tipo 'temos que pensar o que funciona e não o que é analítico'. Quando provocados pela dificuldade de contato com antigas e novas tensões do *setting* (o 'analisando de hoje') ou por fortes pressões de mercado de trabalho, promovem uma atitude que tende a negar, desvalorizar e forcluir 'de novo' o inconsciente (ver Milmaniene e Ahumada neste número). Essa tendência é alimentada por aquela de nosso momento cultural em que imagem e ação se colocam no lugar da reflexão e a satisfação de mútuos interesses é confundida com crescimento e intimidade. Esta realidade desfaz ou impede a progressão de cadeias simbólicas, forçando a psicanálise a se apartar do inconsciente, a desconsiderar os tempos necessários para o contexto de descoberta da experiência emocional e sua elaboração, apartando-se também dos métodos necessários para sua realização.

A necessidade de adaptar a teoria à realidade externa promove o surgimento de hipóteses 'ad-hoc' sobre o inconsciente, os quais muitas vezes não valorizam sua complexidade ou o quanto o conceito já foi trabalhado. Servem, nestas situações, mais como justificativas para alterações técnicas conseqüentes às pressões já mencionadas, do que de fato para ampliar o conhecimento sobre o fenômeno e a experiência do inconsciente. Ao final, colocam em cheque a validação da psicanálise como disciplina pela descaracterização de seu conceito nuclear, sua hipótese definitiva (ver Hanly neste número).

Alguns problemas ligados à delimitação do campo da psicanálise e da natureza dos fenômenos inconscientes.

"...Nossa mente é tão frágil quanto os nossos sentidos; ela se perderia na complexidade do mundo, se tal complexidade não fosse harmoniosa; como o míope, ela enxergaria apenas os detalhes, e seria obrigada a esquecer cada um deles antes de examinar o seguinte, pois seria incapaz de assimilar o todo."

Henri Poincaré, *Science and Method*, p.30, citado por Bion (1992) p.16

Considerando a psicanálise como um 'olhar', como um ângulo ou viés de observação ao qual corresponde um método para sua realização e a noção de inconsciente como resultado desta observação, teremos que esta noção estará inextricavelmente ligada tanto à abrangência e delimitação de campo da psicanálise quanto às particularidades de seu método.

O método utilizado por Freud (associação livre, observador neutro) permitiu a visualização de um ângulo do inconsciente que foi tomado como a totalidade durante muito tempo (Imbasciati, 2001; Kandel, 1999). O inconsciente reprimido, formado





por representações, dentro desta lógica seria apenas um aspecto do inconsciente privilegiado pelo instrumento de observação.

Os desenvolvimentos da teoria e do método psicanalítico, com a introdução de novos ângulos e métodos de observação (a partir da contratransferência, da evolução da neutralidade para o ‘sem memória e sem desejo’, da observação de elementos objetivos do desenvolvimento, da valorização dos elementos lingüísticos, da observação da realidade externa, para citar alguns) trouxeram conseqüentes modificações à noção de inconsciente, nem sempre percebidas ou explicitadas. Estas modificações apresentam graus variados de possibilidades para ampliarem a teoria e valores clínicos radicalmente diferentes.

Além disso, como já foi mencionado, o ‘espírito’ cultural de uma época determinada, sua *zeitgeist*, é um elemento organizador fundamental da observação. Assim foi para Freud, com o predomínio das ciências baconianas no cenário científico, do ambiente cultural da Áustria e com o contexto iluminista pós-revolução industrial e revolução francesa, acrescidos das diversas influências literárias e filosóficas presentes em sua extensa obra (Mezan, 1985; Rouanet, 2003). Para Melanie Klein com Hegel (Mills, 2000). Para Bion, com os filósofos Hume, Wittgenstein, Mach e Kant, os matemáticos Poincaré e Frege, os escritores Milton e Keats, os físicos Heisenberg e Einstein (Bléandonu, 1990). Lacan foi influenciado pelo pensamento estruturalista de Lévi-Strauss, pelos estudos lingüísticos de Saussure, além de Hegel e Heidegger (Mezan, 1996). Winnicott aproxima-se de Heidegger, Merleau-Ponty e Husserl (Loparic, 1995). Atualmente os pensadores pós-modernos e teorias como a do caos e a da complexidade tendem a servir como novos elementos organizadores (ver Mondrak et al. neste número).

Para cada um destes autores, as abstrações sobre o ‘inconsciente’ passam a ter as características, as ‘máscaras’, das teorias que lhe dão corpo (numa extensão ao sentido dado por Resnik neste número).

Deste modo, o inconsciente de Freud foi descrito em termos deterministas, o de Melanie Klein em termos dialéticos, o de Lacan em termos estruturalistas, o de Bion em termos estéticos, o de Matte-Blanco em termos de lógicas.

Ao privilegiar ângulos permitidos pelas variações no “instrumento de observação”, outros necessariamente têm sua importância diminuída. Isto vale tanto para os “elementos psicanalíticos” observados, quanto para os “elementos não psicanalíticos”, que interagem com os primeiros na constituição do psiquismo (“equação etiológica”). Vieses cognitivos, biológicos, lingüísticos, podem ser facilmente privilegiados, dependendo do método da observação e considerados “psicanalíticos”, na dependência da delimitação do campo da psicanálise (ver Laplanche neste número e 1987).





Propor um “modelo integrado” abrangendo influências genéticas (hereditárias), cognitivas, traumáticas, transgeracionais, da memória extra-somática (via linguagem) em inter-relação com os aspectos oriundos da transformação simbólica envolve inúmeras dificuldades. Estas vão da complexidade das dimensões do modelo ao conhecimento de cada um destes elementos, suas propriedades, possibilidades de interação e os diferentes tempos de encontro que propiciam o estado de co-realidade² do qual resulta a “unidade de informação” (como é genericamente chamada por Piera Castoriadis-Aulagnier, 1977), e que pode ser utilizada pelo psiquismo como geradora de significados ou auxiliar na cadeia de significados. Poucos são os autores psicanalíticos que se propuseram a esta tarefa; nestes incluem-se Freud, Bion e Laplanche.

Algumas das tentativas de integração colocam a psicanálise como um princípio único organizador e caem em um outro pólo do problema: a expansão do campo da psicanálise a todo o comportamento humano, normal e patológico. Ao fazê-lo, a noção de inconsciente deveria ser ampliada para unitariamente abarcar e ‘explicar’ (ser o princípio organizador de) todas as dimensões não perceptíveis pela consciência: dimensões simbólicas, não simbólicas, formas de memória, funcionamento cognitivo não consciente, formas de aprendizado, fenômenos lingüísticos e comunicacionais não perceptíveis pela consciência, bem como todo comportamento social não consciente e as manifestações diretas de estímulos biológicos.

Neste caso, o “inconsciente psicanalítico” seria tudo o que não é percebido pela consciência e um fenômeno único.

Ainda que pareça caricatural, assim colocado, há eventualmente uma tendência em graus variados tanto entre psicanalistas quanto em contestadores da psicanálise (mais raramente entre teóricos de outras disciplinas que mantêm a noção da psicanálise como uma *weltanschauung*) a assumirem este viés.

A tendência a estabelecer “causas” e reduzir o número de variáveis na apreensão dos fenômenos não materiais (Sandler, 1997) favorece a “causa única”, psíquica. Freud alerta que a própria noção de “determinismo psíquico”, referente a que cada acontecimento psíquico seja determinado por um precedente (psíquico ou não-psíquico), possa ser, pelos mesmos motivos, distorcida: “Notarão desde logo que o psicanalista se distingue pela rigorosa fé no determinismo da vida mental. Para ele não existe nada insignificante, arbitrário ou casual nas manifestações psíquicas. Antevê um motivo suficiente em toda parte onde habitualmente ninguém pensa nisso; está até disposto a aceitar causas múltiplas para o mesmo efeito, *enquanto nossa necessidade causal, que supomos inata, se satisfaz plenamente com uma única causa psíquica*” (Freud, 1909, p.36, grifos meus).

2. No sentido aproximado ao de Bense (1968) para o objeto estético e aqui tomado como padrão do encontro entre a realidade material e a experiência nova, do qual resulta um estado criativo.





A tarefa de delimitar qual é o campo da psicanálise e o modelo que integre a experiência psíquica do inconsciente é matéria controversa e certamente além das intenções ou possibilidades deste artigo. Considero-a, entretanto, como uma meta necessária para a viabilidade de integração das teorias sobre o “inconsciente psicanalítico” e, talvez de modo ainda mais enfático, como imprescindível para o relacionamento da psicanálise com outras disciplinas.

Uma possível “onda evolutiva”

“Essas duas realidades (realidade psíquica e realidade histórica) que estão naturalmente em interações, como já salientei antes, procedem de universos diferentes, conhecem sua própria lógica, suas próprias leis de funcionamento e não podem se reduzir uma a outra. Todo comportamento implica pelo menos duas significações (pelo menos porque é sempre superdeterminado): a que a realidade histórica lhe dá e a que a realidade psíquica lhe fornece. Minha intenção se define: o objetivo não é encontrar o sentido oculto das instituições e das condutas, mas sim achar um outro sentido (nem mais nem menos válido que o primeiro), assim como a outra cena na qual elas existem e o outro registro em relação ao qual elas se exprimem.”

E. Enriquez, 1997, p.28 (grifos do autor)

Freud (1923) considerou que o sentido “descritivo” de “inconsciente” (cujo critério é a simples não consciência) deveria ser distinguido do sentido “dinâmico”, sendo este último a principal preocupação da psicanálise. Definiu neste mesmo artigo o inconsciente dinâmico como uma fonte de motivação, especificamente a motivação que é real ou potencialmente uma causa do conflito mental, sendo essencialmente o modelo dos fenômenos neuróticos.

A necessidade clínica gerada pelos fenômenos psicossomáticos, pelos estados borderline, pelos fenômenos da sobreadaptação dos estados pseudomaduros, pelas patologias não simbólicas, pelo fanatismo, por alguns estados perversos e pela existência destes aspectos em personalidades que atingiram um nível mais avançado de transformação simbólica exigiram que a teoria da motivação fosse além do conflito.

A identificação de fenômenos inconscientes protomentais, de elementos não transformados, não metabolizados, não mentalizados ou não representados, das falhas no processo de simbolização passou a ocupar um importante grupo de teóricos da psicanálise, como Bion, Winnicott, Tustin, Meltzer, Aulagnier, Green, Botella, dentre outros.





A partir de então, a necessidade de compreender a relação entre estas áreas mentalizadas e não mentalizadas vem crescendo e tem, em meu modo de ver, aproximado alguns modelos que pareciam muito distantes entre si.

A tendência a identificar diferentes níveis de funcionamento psíquico, co-existent, inicia-se com o próprio Freud, quando no estudo do caso do Homem dos Lobos (1914), refere pela primeira vez “diferentes correntes” co-existent na personalidade (“corrente sexual masoquista”, “corrente sexual masculina” e “corrente sexual feminina, passiva”).

O avanço da compreensão do fenômeno da identificação projetiva permitindo não apenas um nível de *splitting*, mas diversos, com a descrição de ‘partes psicóticas’ da personalidade convivendo e se relacionando de modo complexo com partes neuróticas, dependentes, infantis foi estudado por Bion (1957) e ampliado posteriormente por Steiner (1988, 1993) e por Meltzer (1992) em seus trabalhos sobre o ‘claustro’.

Grotstein (2000), partindo de Bion e Matte-Blanco, propõe a idéia de um inconsciente estruturado holograficamente cuja compreensão abrange vastas redes de dados paralelos,.

Botella e Botella (2002, 2003) em seus recentes estudos sobre o irrepresentável, figurabilidade e regrediência, estudam minuciosamente esta relação entre os estados primitivos da mente e as áreas de representação através do “trabalho de figurabilidade” e seus potenciais de transformação.

Partindo do fenômeno da *verleugnung*, Marucco (1998 e neste número) descreve a criação de diferentes ‘zonas psíquicas’ que permitem, do mesmo modo, a compreensão de distintos níveis de funcionamento mental simultaneamente operantes.

Neste número Laplanche introduz três acepções possíveis da palavra inconsciente, ampliando sua Teoria da Sedução Generalizada, que permite a compreensão da convivência de um inconsciente constituído de material traduzido e recalçado e outro, o ‘encravado’, constituído de material não traduzido ou com sua tradução desfeita, além de um pseudo-inconsciente mito-simbólico que auxiliaria na tarefa tradutora das mensagens enigmáticas sexuais.

Esta tendência a incluir em uma mesma teoria do inconsciente distintas zonas de funcionamento psíquico (ou mesmo diferentes inconscientes), com distintos níveis de mentalização co-existent e em relacionamento dinâmico parece presente em vários dos principais pensadores da psicanálise. Este ‘salto teórico’ conjunto pode representar uma importante onda evolutiva dentro da teoria psicanalítica, com a decorrente ampliação dos fenômenos clínicos por ela abrangidos, auxiliando a delimitar e discriminar quais destes poderiam ser beneficiados por técnicas interpretativas e quais não, estando, portanto indicadas outras abordagens (medicamentosa, cogniti-





José Carlos Calich

vas (*lato senso*), de ‘alfabetização simbólica’, etc.), eventualmente em uma mesma pessoa.

A possibilidade de uma teoria integrada ou pelo menos de um potencial aumento do diálogo entre as teorias, pode, portanto, também acompanhar-se de um diálogo maior com outras disciplinas, conforme mencionado anteriormente. Essa evolução pode trazer novo fôlego à psicanálise, pressionada a ‘adaptar-se’, recolocando-a em sua ‘estranheza inquietante’, eterno desafio de, a exemplo do próprio inconsciente, poder ser um estranho à sociedade, à cultura e ao senso comum, mas um estímulo fundamental em direção a busca de humanização através da ligação, busca da verdade e expansão do mundo simbólico. □

Abstract

As to introduce this thematic issue of the Psychoanalytical Journal of the Porto Alegre Psychoanalytical Society (SPPA), the author briefly examines some of the “current tensions” on the concept of “Unconscious”, mainly those related to the themes developed by the other authors of this number. Difficulties with language, communication in psychoanalysis, its scholastic tensions, questions related to the delimitation of the psychoanalytic field and on the nature of the unconscious are focused. Ultimately, a possible “evolutionary wave” on the theory of the unconscious is suggested, through the pursuit, by authors from diverse theoretical orientation, of models that integrate the various levels of mentalization in distinct zones of psychic functioning, considered co-existent and in dynamic relation.

Resumen

Como forma de introducción a este numero temático de la revista de Psicoanálisis de la SPPA, el autor examina de manera breve algunas de las “tensiones actuales” al respecto del concepto de inconsciente, principalmente en aquellas vinculadas a los temas considerados por los demás autores de esa publicación. Son repasados los problemas con el lenguaje y la comunicación en el psicoanálisis, sus tensiones escolásticas, los problemas con la delimitación del campo del psicoanálisis y de la naturaleza del inconsciente. Concluyendo, el autor propone la existencia de una posible “ola evolutiva” en la teoría del inconsciente, por intermedio de la búsqueda por autores de diferentes orientaciones teóricas, de modelos en que vengan a hacer parte los variados niveles de mentalización en distintas áreas del funcionamiento psíquico, consideradas co-existent y dinámicamente entrelazadas.

400 □ Revista de Psicanálise, Vol. X, Nº 3, p.391-402, dezembro 2003





Referências

- AMATI-MEHLER, J., ARGENTERI, S., CANESTRI, J. (1990). The babel of the unconscious., *Int. J. Psychoanal.*, 71:569-584
- BION, W.R. (1957). Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica. In: Estudos psicanalíticos revisados. Rio de Janeiro: Imago. 1988.
- . (1970). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- . (1992). *Cogitações*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- BLÉANDONU, G. (1990). Wilfred R. Bion: A vida e a obra. Rio de Janeiro: Imago. 1993.
- BOTELLA, C. e BOTELLA, S. (2002) *Irrepresentável: mais além da representação*. Porto Alegre: Sociedade de Psicologia do RGS e Criação Humana.
- . (2003). Figurabilidade e regrediência. *Rev. Psicanálise da SPPA*. Vol X, n. 2. agosto 2003.
- CASTORIADIS-AULAGNIER, P. (1977). *La violencia de la interpretación. Del pictograma al enunciado*. Buenos Aires: Amorrortu,
- Enriquez, E. (1997). *A Organização em análise*. Petrópolis: Vozes, p.28
- FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- . (1909). Cinco lições de psicanálise. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- . (1914). História de uma neurose infantil. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- . (1923). O Ego e o Id. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1976.
- GUIMARÃES FILHO, P.D. (1999). A psicanálise em tempo de maturidade. *Rev. Bras. de Psican.* 34(1):9-24.
- GROSTSTEIN, J. (2000). *Who is the dreamer who dreams the dream*. Hillsdale: The Analytic Press.
- HERMANN, F. (1997). *Psicanálise do cotidiano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- IMBASCATI, A. (2001). Que Inconsciente? *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. VIII. 1. Abril. 2001
- JAMESON, F. (1983). Postmodernism and consumer society. In: FOSTER H. (org.) *The Anti-aesthetic, essays on postmodern culture*. Washington: Bay Press, 1993.
- JAMESON, F. (1984). The cultural logic of late capitalism. In: *Postmodernism or the cultural logic of late capitalism*. Durham. Duke University Press. 1992.
- KUHN, T. (1962). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- LAKATOS, I. (1970). Falsification and the methodology of scientific research programmes. In: Lakatos, I. e Musgrave, A. (eds.) *Criticism and the growth of knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- LAPLANCHE, J. (1976). *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- . (1987). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LOPARIC, Z. (1995). Winnicott e o pensamento pós-metafísico”, *Psicologia USP*, v. 6, no. 2, p. 39-61
- KANDEL, E.R. (1999). A biologia e o futuro da psicanálise: um novo referencial intelectual para a psiquiatria revisitado. *Rev. da SPRS*. v. 25,(1), jan/abr, 2003.
- MARUCCO, N. (1998). *Cura analítica y transferencia*. Buenos Aires. Amorrortu.
- MELTZER, D. (1992). *The claustrum*. Perthshire: Clunie
- MEZAN, R. (1985). *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense,.
- . (1988). *A vingança da esfinge*. São Paulo: Brasiliense.
- . (1996). O olhar epistemológico. In: Pellanda, N.C.R. e Pellanda, L.E.C (orgs.) *Psicanálise: uma revolução do olhar*. Petrópolis: Vozes;





- MILLS, JON (2000). Hegel on Projective Identification: Implications for Klein, Bion, and Beyond. *The Psychoanalytic Review*, 87(6), 841-874.
- OGDEN, T. (1994). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- ROUANET, S.P. (2003). *Os dez amigos de Freud*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SANDLER, P.C. (1997). *A Apreensão da Realidade Psíquica*. Rio de Janeiro: Imago.
- STEINER, J. (1988). The Interplay between Pathological Organizations and the Paranoid-Schizoid and Depressive Positions. In Spillius, E. B. (ed) *Melanie Klein Today*. London: Routledge, vol.1 p. 324-42.
- . (1993). *Psychic Retreats. Pathological Organisations in Psychotic, Neurotic, and Borderline Patients*. London: Routledge.
- STEINER, R. (1994). The tower of Babel or after Babel in contemporary psychoanalysis. *Int. J. Psychoanal.* 75:883-902.

Recebido em 01/12/2003

Aceito em 01/12/2003

José Carlos Calich

24 de Outubro 838 sala 603

90480-000 – Porto Alegre – RS – Brasil

E-mail: jccalich@sppa.org.br

© Revista de Psicanálise – SPPA